

A Casa dos Espíritos – memória e história

Marinês Andrea Kunz¹

Resumo

A literatura pode abarcar a história e a memória por meio da elaboração narrativa, com o objetivo de instaurar uma reflexão sobre o passado, que, efetivamente, não se recupera mais. A narrativa coloca-se, assim, como o empreendimento do possível, isto é, possibilita pensar sobre como pode ter sido a História através do discurso memorialístico ficcional das personagens. Mesmo não sendo, pois, historiografia, leva o receptor a vislumbrar distintas vivências e pontos de vista plausíveis sobre os eventos históricos, colocando-os em perspectiva e em *mise en intrigue*. Neste sentido, este artigo aborda a construção da memória e a reflexão sobre a história recente do Chile no romance *A casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, a partir das concepções teóricas de Paul Ricoeur, Jeanne Gagnebin e de Walter Benjamin.

Palavras-chave: memória, história, ficção, literatura

The House Of The Spirits - memory and history

Abstract

Literature can encompass history and memory through narrative plots. It thus brings up reasoning about the past, which can actually never be recovered. The narrative arises, therefore, as an adventure of the possible. By means of fictional memorialistic utterances by its characters it makes it possible to think about how history might have been. Historiography takes the receiver to discern different experiences and plausible points of view about historical events, putting them into perspective and *mise en intrigue*. In this framework, this article discusses the construction of memory and issues related to the recent history of Chile in the novel *The House of the Spirits*, by Isabel Allende. It is theoretically based on the conceptions of Paul Ricoeur, Gagnebin Jeanne and Walter Benjamin.

Key words: memory, history, fiction, literature

“Quem fui? O que fui? O que fomos?

Não há resposta. Passamos.

Não fomos. Éramos. Outros pés, outras mãos, outros olhos.”

Pablo Neruda – *O menino perdido*

“A memória é ficção. [...]

Cada instante desaparece em um sopro e logo se transforma em passado, a realidade é efêmera e migratória, pura saudade.

¹ Professora na FEEVALE. Doutora em Letras e Linguística pela PUCRS.

[...] Afinal, tudo que temos com plenitude é a memória tecida por nós mesmos.”
Isabel Allende – *Retrato em sépia*

A NARRATIVA E A MEMÓRIA

O romance *A casa dos espíritos* de Isabel Allende surgiu em 1982 e conta a história da família do Senador Esteban Trueba. Embora seja a primeira obra da escritora, a trama está diretamente relacionada com as histórias de *A filha da fortuna* e de *Retrato em sépia*, publicadas posteriormente, uma vez que as personagens transitam de um livro a outro, formando uma grande rede de memória de alguns ramos da mesma família.

O drama das personagens perpassa inevitavelmente a história do Chile. Enquanto a história de Elisa Sommer trata do período de 1843 a 1853, a narrativa de Aurora del Valle percorre os últimos anos do século XIX e os primeiros do século XX e, por fim, *A casa dos espíritos* está marcada pelos eventos ocorridos entre 1905 e 1975, culminando com o golpe militar, comandado por Augusto Pinochet Ugarte. O período da ascensão de Allende ao poder e do golpe militar é bem conhecido da autora, uma vez que é prima do Presidente deposto e vivia no Chile naquela época, de modo que a ficção se confunde com a vida da própria escritora.

A história do romance é narrada por dois narradores: pelo senador Trueba e por sua neta, Alba. O ato da narração inicia pouco tempo depois do golpe militar, após o resgate de Alba, que havia sido presa, torturada e violentada por soldados da polícia. Embora seu avô fosse senador pelo Partido Conservador, ela tinha outras convicções e, por isso, ajudava a tirar do país aqueles considerados subversivos e que corriam risco de vida. Quando isso se tornou praticamente impossível, ela passou a organizar refeições para as crianças pobres da periferia. Contudo, seu maior delito foi o de ser namorada de um dos mais procurados líderes da oposição ao novo governo instituído. Motivos suficientes para ser considerada suspeita, senão perigosa.

A quatro mãos, eles buscam reescrever o passado da família, recorrendo, para isso, aos cadernos de anotar a vida de Clara, a avó de Alba, às cartas de Blanca, sua mãe, a documentos, inúmeras fotos e objetos, além de, é claro, à própria memória. Alguns trechos não registrados por escrito e que não estariam, portanto, ao alcance de Alba, são narrados pelo próprio Senador Trueba: “Comecei a escrever com a ajuda de meu avô, cuja memória

permaneceu intacta até o último instante de seus 90 anos. Com seu punho e letra escreveu várias páginas e, quando considerou que tinha dito tudo, deitou-se na cama de Clara.”² (ALLENDE, 2002, p. 446). Ele o faz com a distinção do ancião, que, com a sabedoria da experiência e com o conhecimento das histórias e das tradições de sua terra, deixa aos mais jovens o testemunho do vivido, revestindo-se da “autoridade de que até o mais miserável pé-de-chinelo dispõe diante dos vivos, na hora de morrer. Esta autoridade está na origem da narrativa.” (BENJAMIN, 1980, p. 64).

O senador assume o ato da narração onze vezes. Primeiro, quando tinha vinte e cinco anos e trabalhava em sua mina de ouro, para enriquecer e casar-se com Rosa, a irmã de Clara. Ele relata o momento em que a viu pela primeira vez, apaixonou-se por ela e decidiu que ficaria rico para merecer o casamento: “passou muito mais de meio século, mas ainda tenho gravado na memória o momento preciso em que Rosa, a bela, entrou em minha vida, como um anjo distraído que, ao passar, me roubou a alma” (p. 31).

Ele também narra o momento em que soube da morte de Rosa, justamente no dia em que encontrara um novo veio em sua mina, com o que poderia, em breve, marcar o casamento. Revela a dor e a raiva que sentiu ao ter seu sonho destruído e como passou a noite no cemitério a lado do túmulo de Rosa. Em seguida, conta o quanto trabalhou para reerguer a fazenda da família, Las Tres Marías, e conclui ter sido um bom patrão, contrariando a opinião da neta, entrecruzando o momento da enunciação e o do enunciado: “Por isso não posso aceitar que minha neta me venha com a história da luta de classes, porque, se pensarmos bem, esses pobres camponeses estão muito pior agora do que há 50 anos” (p. 62). Com isso, ele faz menção a fatos que ocorrerão muitos anos mais tarde.

Na quarta vez, ele assume novamente a narração para apresentar fatos que ocorreram, ou seja, após o terremoto que arrasara a fazenda Las Tres Marías, quando ela já tinha sido reconstruída e transformada novamente em fazenda-modelo. Mais uma vez, o senador faz referência ao momento da narração e ao relacionamento com sua neta: “Eu circulava por toda parte sem outro apoio além de uma grossa bengala com castão de prata, a mesma que tenho agora e a respeito da qual minha neta diz que não uso por ser coxo, mas sim para enfatizar minhas palavras, brandindo-a como um argumento contundente” (p. 188). O tema principal é seu relacionamento com Clara,

² Todas as citações desta obra serão referidas apenas pelo número da página.

abalado pelo temperamento do senador, o qual se exacerbou com os ferimentos causados pelo terremoto. Ela passou a esquivar-se do marido e trancou a porta de seu quarto, o que o irritou ainda mais.

Na intervenção seguinte, o senador destaca a solidão que sentiu quando Clara e a filha deixaram a fazenda após ser descoberto o relacionamento de Blanca e Pedro Terceiro. A partir desse dia, Clara não falou mais com o marido, pois ele lhe quebrara os dentes. Como Trueba não admitia ser o responsável por tudo, culpou Pedro Terceiro por sua desgraça, de modo que o perseguiu e quase o matou, cortando-lhe três dedos com uma machadada.

O senador também testemunha sua dor pela morte da esposa: “não posso falar a respeito disso. Porém, tentarei escrever. Passaram-se 20 anos, e durante muito tempo senti uma dor constante. Julguei que nunca poderia consolar-me [...]” (p. 306). Contudo, afirma Trueba, Clara não o abandonou, pois seu espírito permaneceu sempre a seu lado. Assim, na sétima vez em que narra, Trueba revela que construiu um mausoléu para Clara e para Rosa, pois queria tê-las junto dele quando morresse - obra que durou dois anos. Como a família del Valle não permitiu remover o corpo de Rosa, Trueba e seu filho Jaime roubaram o caixão e levaram-no ao mausoléu.

O senador conta, então, que decidiu usar luto até o fim de seus dias, apesar da insistência dos amigos, que ainda assim conseguiram levá-lo ao Cristóbal Colón, cabaré onde trabalhava Tránsito Soto, a menina a quem dera 50 pesos no cabaré Farolito Rojo muitos anos antes, perto da fazenda Las Tres Marías. Encontrou-se com a moça e sentiu-se revitalizado, embora só pensasse na esposa.

A narração seguinte é justamente sobre os dias que se seguiram ao golpe militar, quando o senador estranhou não terem-no chamado para constituir o novo governo. Percebeu que a nova organização política não correspondia ao idealizado pela oposição a Salvador Allende: “tinha o pressentimento de que as coisas não estavam saindo como as tínhamos planejado e que a situação escapava de nossas mãos [...]” (p. 391).

Ironicamente, o destino do senador trapaceia-o, pois, embora tenha sido político com ideais conservadores e reacionários e um dos maiores fomentadores do golpe militar, acabou excluído do governo e teve seu filho Jaime torturado e assassinado pelo novo poder. Não podendo acreditar nos fatos, esperava diariamente pelo retorno do filho, até o dia em que teve a visão de seu espírito: “finalmente cheguei a vê-lo, mas apareceu-me coberto de

sangue seco e farrapos, arrastando rolos de arame farpado sobre o assoalho encerado. Assim soube que tinha morrido como nos contara o soldado” (p. 392). Finalmente, desligado da vida política e do convívio com os filhos e cada vez mais distante da neta, ocupada com o auxílio aos pobres, Trueba sente o sabor amargo da solidão.

Por fim, o senador retoma o ato de narrar para contar como cobrou o empréstimo dos 50 pesos a Tránsito Soto. Depois de muito vagar em vão pelos ministérios e apelar a todos os conhecidos, quando finalmente enviaram-lhe três dedos de Alba, decidiu falar com a velha amiga para tirar a neta dos porões da tortura instalados por Pinochet. A essa altura, Tránsito se relacionava com o mais alto escalão do governo, de modo que rapidamente pôde pagar o empréstimo, e Alba, enfim, retornou para casa.

Restabelecida fisicamente, tanto Alba quanto o avô tem necessidade de preencher as lacunas deixadas pelo tempo, para entender seu próprio eu: “[...] tive a idéia de que estava armando um quebra-cabeças em que cada peça tinha uma localização precisa. Antes de colocá-las todas, parecia-me incompreensível, mas estava certa de que, se conseguisse terminá-lo, daria um sentido a cada uma, e o resultado seria harmonioso” (p. 447). Assemelham-se ao anjo benjaminiano que, de costas para o presente, olha para o passado e o vê em ruínas, por isso, lutam contra o apagamento dos fatos vividos.

A reconstrução do passado é feita por meio da *mise en intrigue*, ou seja, o registro da memória e a constituição do sujeito através da escrita, que toma de empréstimo da ficção, segundo Paul Ricoeur (1992, p. 190), a organização narrativa que dá sentido à vida, articulando retrospectão e prospecção. A atividade da escrita da vida recupera um passado influenciado pela visão do presente, sobre o qual também pode agir, tornando-o outro. Toda narrativa de si, segundo Gagnebin (1997, p. 101), é uma ficção de si mesmo, uma intervenção do presente na configuração do passado, que não pode ser recuperado como tal, apenas como mímese, como semelhança do que foi.

Nesse sentido, segundo a concepção de memória e de passado de Walter Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo <<tal como foi efetivamente>>. É muito mais apropriar-se de uma recordação que brilha num momento de perigo” (1992, p. 150). O sujeito da rememoração tem apenas a lembrança presente das coisas passadas, para empregar a expressão de Santo Agostinho, não tendo, pois, acesso aos fatos do passado em si, mas ao que deles restou, ou seja, o presente do passado.

A retomada do passado é orquestrada por Alba, que narra a história paralelamente aos relatos do avô. O leitor só confirma essa possibilidade no final do livro, quando ela revela claramente o processo de criação da narrativa. A princípio, apenas no primeiro capítulo Alba faz menção a si mesma quando conta que sua avó Clara, ao ficar muda após o assassinato da irmã Rosa previsto por ela, passou a escrever em “cadernos de anotar a vida” tudo o que lhe acontecia: “[...] sem suspeitar que, 50 anos depois, seus cadernos *me* serviriam para resgatar a memória do passado e sobreviver a meu próprio terror” (p. 9).

Com esse trecho, fica clara a reconstrução do passado como modo de entendimento do próprio eu e, por isso, de redenção, ou seja, a retomada redentora do passado de Walter Benjamin. Contudo, esse processo é muito frágil, uma vez que: “não existem [...] reencontros imediatos como passado, como se pudesse agarrar uma substância, mas há um processo meditativo e reflexivo [...]” (GAGNEBIN, 1994, p. 17). Não é possível recordar todos os fatos vividos, pois há uma perda inevitável que se dá pela ação do esquecimento, o que confere à rememoração esse caráter de redenção, uma forma de resgatar o perdido, e recolher, segundo Gagnebin, “num só instante privilegiado, as migalhas dispersas do passado para oferecê-las à atenção do presente” (idem, p. 91).

Em função disso, Alba assegura a veracidade do narrado pela remissão às anotações da avó, às cartas, aos documentos e aos objetos, além de recorrer ao depoimento do próprio avô, pois a saga da família ultrapassa os limites de sua memória, embora admita estar tomada por todos os sentimentos que perpassam o narrado: “em alguns momentos tenho a impressão de que já vivi isto e que já escrevi estas mesmas palavras, mas compreendo que não sou eu, mas outra mulher, que anotou em seus cadernos para que eu deles me servisse” (p. 447).

Alba sabe da importância dos escritos, do diário íntimo da avó, para evitar a inevitável fugacidade do tempo: “[...] minha avó Clara escrevia em seus cadernos para ver as coisas em sua dimensão real e driblar a sua péssima memória” (p. 447). Além disso, numa visão benjaminiana, sabe que a narrativa torna possível a reflexão sobre o que passou, pois “a memória é frágil, e o transcurso de uma vida, muito breve, e tudo acontece tão depressa, que não podemos medir a conseqüência dos fatos, acreditamos na ficção do tempo, no presente, no passado e no futuro, mas também pode ser que tudo aconteça simultaneamente [...]” (p. 447).

O processo narrativo escolhido por Alba é uma armadilha ao leitor, pois, embora ela se manifeste logo no primeiro capítulo, a narração é feita em terceira pessoa, sem haver, portanto, a identificação imediata entre narradora e personagem. Nem mesmo quando narra sua própria vida ela abre mão desse recurso, como no seguinte trecho: "Alba esteve nas mãos de García por muito tempo" (p. 426). Apenas ao final, no *Epílogo*, ela assume a responsabilidade pela narração, inclusive pela disposição dos escritos do avô entre os seus.

A opção pela terceira pessoa justifica-se pela busca da clareza e do distanciamento que possibilitam um entendimento menos apaixonado dos fatos. Contudo, também pelo fato de que, recordando a explicação de Gagnebin acerca de Proust, "o *autos* não é mais o mesmo, o *bios* explode em várias vidas que se entrecruzam e a *grafia* segue o entrelaçamento de diversos tempos que não são ordenados por nenhuma linearidade exclusiva" (1994, p. 88).

Essa constante evolução do sujeito ao longo do tempo é um fator que dificulta a reconstrução dos sujeitos anteriores, a busca da identidade do eu-narrador, tendo em vista que, segundo Paul Ricoeur (1992), a mesmidade deixa de ser fator predominante. Ela cede espaço para a ipseidade, isto é, um si mutável, diferente em cada nova fase da vida, dessemelhante também daquele que narra e busca reencontrar o menino perdido, encoberto pelo véu do tempo e do esquecimento.

Como Alba narra a história de sua família, abordando os sentimentos de várias personagens, é necessário lembrar o conceito de identidade narrativa de Paul Ricoeur (1992, p. 190), segundo o qual, a história de uma pessoa está repleta das histórias de outros, além de que a sua faz parte da de seus pais, irmãos, amigos, enfim, de uma série de outras pessoas, criando um emaranhado de histórias. Por isso, a história da vida da narradora se confunde com a de seu país, de seu povo, que de algum modo está presente no texto.

Assim, muitos podem ver refletida sua história na da família Trueba, identificando semelhanças nos costumes, tabus e sentimentos, principalmente quanto ao golpe militar, que traumatizou não só o Chile, mas também a América Latina em todos os regimes militares que naquele período assolaram o continente. Logo, a obra transcende a individualidade a que se refere, e, como afirma Gagnebin ao refletir sobre a importância da escrita e da memória em Platão, a narrativa, "como a imagem que permanecia primeiro ligada a seu modelo, acaba, quando a obra estética for bem-sucedida, por ganhar sua independência e prescinde muito bem do modelo originário, instaurando uma

outra realidade [...]” (1997, p. 61). Realidade essa que se diferencia do vivido justamente por constituir uma reflexão sobre todo processo histórico.

A HISTÓRIA CHILENA FICCIONALIZADA

O diálogo com a história se dá ao longo de todo texto. Depois da Primeira Guerra Mundial, Esteban Trueba morava em sua fazenda e já se preocupava com as ideias subversivas que vinham da Europa. Nas eleições presidenciais, ele e os outros proprietários de terra planejam uma estratégia política para garantir a vitória do Partido Conservador. Já a Segunda Guerra Mundial era motivo de brigas entre Esteban e Clara, pois ele acompanhava o avanço das tropas nazistas, enquanto ela tecia meias para os soldados aliados.

Nas eleições presidenciais seguintes, morre Pedro Garcia, pai de Pancha, com quem Trueba teve um filho, e avô de Pedro Terceiro Garcia, que estava proibido de pisar na fazenda, porque colaborava com a propaganda do Partido Socialista. Contudo, seu neto disfarçou-se de padre e assistiu ao enterro juntamente com o Padre José Dulce María. Os conservadores venceram as eleições por uma pequena diferença, o que levou Trueba a se candidatar ao senado pelo Partido Conservador, ocupando o cargo até o golpe militar. Não lhe interessava o poder ou a riqueza, pois “sua obsessão era destruir o que ele denominava ‘câncer marxista’, que pouco a pouco se infiltrava no povo” (p. 321).

A relação com os fatos históricos é mais intensa quando iniciam as greves, e os estudantes promovem manifestações. Alba participa com Miguel da tomada do prédio da universidade em apoio a uma greve de trabalhadores. Além disso, seu tio Jaime é amigo íntimo do “candidato” que venceu as eleições presidenciais de 1970. Em nenhum momento, contudo, a narradora ou qualquer personagem citam o nome de Allende, referindo-se a ele apenas como o “presidente”.

Alba descreve o clima eleitoral e apresenta as ideias políticas de Jaime e de Miguel. O primeiro acreditava que a eleição de Allende em um processo democrático seria o suficiente para mudar o país, enquanto o segundo argumentava que, independentemente do vencedor, era necessária uma revolução civil para haver uma real transformação.

Terminado o pleito e instalado o novo presidente, a direita oposicionista prepara um silencioso boicote ao governo, denominando-o “desestabilização econômica”. A narradora destaca que esse processo foi muito bem arquitetado

e mostrou-se muito eficaz, uma vez que a direita “tinha nas mãos os meios de difusão mais poderosos, contava com recursos quase ilimitados e com a ajuda dos gringos que destinaram fundos secretos para o plano de sabotagem” (p. 362).

Os grandes proprietários estavam em estado de alerta em virtude das desapropriações promovidas por Allende. Também a fazenda Las Tres Marías foi desapropriada na Reforma Agrária, o que deixou Trueba fora de si. Ele se dirigiu até lá sozinho, levando somente uma espingarda a fim de expulsar os agricultores, mas foi preso por eles, que o humilharam e o amarraram, em uma atitude vingativa. Ironicamente, ele só conseguiu sair de lá com a ajuda de Pedro Terceiro Garcia, então ministro do novo governo. Ultrajado, Esteban insufla as Forças Armadas a tomarem uma atitude.

Com o avanço da crise instalada no país, a situação ficou praticamente insustentável. Embora pela primeira vez o povo tivesse dinheiro para comprar, faltavam produtos no mercado, conforme a narradora. O presidente fazia pronunciamentos diários na televisão para denunciar a sabotagem, inclusive “o fato de que os caminhoneiros em greve recebiam 50 dólares por dia do exterior para manter o país parado” (p. 379).

No dia do golpe, Jaime, que era médico e trabalhava com as camadas menos favorecidas da sociedade chilena, foi chamado pelo presidente, juntamente com um grupo de pessoas que o apoiavam. O prédio da presidência foi tomado e todos foram mortos. Além disso, Miguel despede-se de Alba e não diz onde estará escondido para não comprometê-la ainda mais. A narradora descreve os acontecimentos com detalhes, buscando reproduzir o clima de desespero instalado no país.

Não bastasse terem derrubado o governo, morto e torturado seus aliados,

orquestrou-se uma campanha destinada a limpar da face da Terra o bom nome do ex-presidente, com a esperança de que o povo deixasse de chorar por ele. [...] De uma só penada, os militares mudaram a história, apagando os episódios, as ideologias e as personagens que o regime desaprovava (p. 398).

Além disso, instalou-se uma censura implacável para calar qualquer voz que ousasse questionar o novo regime. Revelando a crueldade da ditadura, Alba conta como foi torturada e destaca todo o ódio e medo que sentiu naquele período. Foi violentada muitas vezes, inclusive por Esteban Garcia, além de

sofrer outras violências comuns nas ditaduras latino-americanas, engravidando sem ao menos saber de quem.

Além de Allende, outra personagem empírica presente no romance é o poeta chileno Pablo Neruda, citado no texto apenas como “Poeta”, com letra maiúscula. Ele era um dos frequentadores da mansão de Trueba quando Clara recebia todos os que desejavam lá estar, principalmente artistas.

Revezavam-se para lá morar ou, pelo menos, assistir às reuniões espíritas, às discussões culturais e às tertúlias sociais quase todas as pessoas importantes do país, aí incluindo o Poeta, que, anos mais tarde, foi considerado o maior do século e traduzido em todos os idiomas conhecidos do mundo, em cujos joelhos Alba se sentou muitas vezes, sem suspeitar que um dia caminharia atrás de seu caixão com um ramo de cravos ensangüentados na mão, entre duas filas de metralhadoras (p. 295).

E foi assim que Esteban Trueba e Alba foram ao enterro de Neruda, dias após o golpe militar. Apesar da presença das ameaçadoras forças do exército, as pessoas gritavam frases de protesto e os versos mais conhecidos de Pablo, e “o funeral do Poeta transformou-se no ato simbólico de enterrar a liberdade” (p. 403).

Por fim, Augusto Pinochet Ugarte, líder do golpe que derrubou Allende também é várias vezes mencionado, principalmente quando Trueba, após ter a visão do espírito de seu filho, se dá conta da tirania que impera no país. Descreve-o como um homem aparentemente simples e de poucas palavras, de modo que

poucos puderam adivinhar que algum dia o veriam envolto numa capa de imperador, com os braços erguidos, pedindo silêncio às multidões carregadas em caminhões para o aplaudirem, seus augustos bigodes agitados pela vaidade [...] (p. 392).

Aqui, logo após o golpe, ao destacar de modo negativo o caráter vaidoso do ditador, o senador faz menção a uma situação que perdurará por muitos anos no país.

Pode-se afirmar que, ao final, o romance vai assumindo um tom mais apaixonado, justamente pelo envolvimento direto das personagens na trama política. Assim, a obra busca mostrar o reverso desse triste momento histórico, denunciando, por meio dos sentimentos das personagens, o lado humano e doloroso de quem vivenciou a tragédia. Consequentemente, a narrativa

literária de Allende, negando a felicidade do esquecimento, assemelha-se à “memoração perigosa que é a dolorosa narração da história” (GAGNEBIN, 1994, p. 110).

O ESPIRITUAL E O SIMBÓLICO

Por outro lado, a obra também é marcada intensamente pela presença do místico, por meio da personagem Clara, clarividente, que participa de sessões de espiritismo e pratica a telepatia. É em torno dela que gira a unidade familiar, uma vez que o marido, Trueba, não consegue manter um relacionamento afetivo com os filhos, exceto com a neta. Em virtude de seu temperamento explosivo, todos se afastam dele, inclusive Clara.

Desde criança, Clara é excêntrica e prevê fatos, além de mover com o poder da mente o saleiro da mesa de jantar. Seu tio Marcos organizou um local na casa de Severo del Valle para atender, juntamente com a sobrinha, a todos os que necessitassem de seus serviços de vidência. Ambos ficaram famosos, pois a menina soprava os segredos ao ouvido do tio, que, por seu turno, fazia as devidas recomendações aos clientes.

Clara também previu que haveria uma morte por engano na família. Assim, Rosa, sua irmã, morreu no lugar do pai, candidato ao senado, a quem se destinava a bebida envenenada tomada pela menina. Diante dessa tragédia, Clara sentiu-se culpada e, por isso, enclausurou-se em seu silêncio até o dia em que completou 18 anos e anunciou seu noivado com Esteban Trueba, sem mesmo ter falado com ele desde a morte da irmã, quando tinha apenas dez anos.

A clarividente também via os espíritos rondando por todo lugar, como no dia de seu noivado, quando lhe faziam sinais desesperados. Ao longo de toda obra, ela mantém contato com o mundo espiritual, que a intui e a aconselha. Momento marcante se dá quando morre a cunhada, Férula, e seu espírito retorna à casa do irmão para despedir-se de Clara. É nesse instante que ficam sabendo de sua morte. Até os livros de anotar a vida de Clara “escamoteados por alguns espíritos cúmplices, salvaram-se por milagre da pira infame em que pereceram tantos outros papéis da família” (p. 448). Por fim, a própria Clara, após a morte, vaga pela casa, acompanhando o senador Trueba até o fim de sua vida.

Ao lado da presença dos espíritos, é necessário destacar as inúmeras premonições que marcam o destino da família. No dia do noivado de Clara e

Esteban, Barrabás, o estranho cachorro da adolescente, é ferido por um açougueiro e irrompe no salão de festas dos del Valle, morrendo no colo da noiva e ensanguentando sua roupa e todo o local. Todos os convidados ficam atônitos diante do mau presságio provocado pela morte do cão. De fato, a vida de Clara ao lado do marido não foi de total felicidade, embora ele a amasse.

Clara sempre previa o sexo dos filhos ainda durante a gravidez e, no plano político, aliviou a angústia do marido ao anunciar que ele se elegeria senador. Após o nascimento de Alba, Clara anunciou que ela teria muita sorte, pois a menina nasceu parada, o que é sinal de boa sorte. Além disso, a avó encontrou em suas costas uma mancha em forma de estrela, que somente as pessoas capazes de encontrar a felicidade têm. Realmente, a premonição da avó, ao final da história, adquire sentido pela disposição de Alba em romper com um ciclo iniciado pelo avô.

Quando Alba completou catorze anos, enquanto esperava por seu tio Jaime no jardim, chegou Esteban Garcia. Ele a agarrou e deu-lhe um beijo forçado, o que a fez sentir-se suja e humilhada. Anos depois, lembrando desse episódio, Alba se dá conta de que “Garcia continuava a ser a besta que a espreitava nas sombras para atacá-la a qualquer momento de sua vida. Não poderia saber que se tratava de uma premonição” (p. 343) de toda violência que sofreria em suas mãos.

Durante o golpe militar, Alba recebe uma mensagem da avó, trazida por Luísa Mora, uma de suas amigas espíritas. Na mensagem, ela fica sabendo que corre risco de vida: “A morte anda rondando seus calcanhares. Sua avó Clara a protege do Além, mas mandou-me dizer-lhe que os espíritos protetores são ineficazes nos cataclismos maiores” (p. 380). De fato, quando Alba invocou os espíritos a ajudarem-na durante os dias de tortura, não obteve auxílio, contando, assim, apenas com sua vontade de viver, impulsionada por seu ódio.

Além das aparições dos espíritos, é importante lembrar aqui a presença de alguns símbolos, essenciais na significação da obra como um todo, pois, como obra de arte, a narrativa ficcional transcende o senso comum e rompe com o sentido unívoco da linguagem na representação do universo diegético, podendo valer-se para tal do imaginário e do simbólico. Segundo Durand, o símbolo remete a uma realidade difícil de ser representada, ou seja, algo que está ausente ou é de difícil percepção. Ao expressar esse sentido abstrato, “o símbolo é a recondução do sensível, do figurado, ao significado”, que, por sua vez, é a “aparição do indizível, pelo e no significante” (1988, p. 14).

O significante, que é a parte visível do símbolo, é dotado de uma concreitude calcada em três dimensões: no cósmico, no onírico e no poético. Do cósmico, ele retira material para figurar o mundo visível em que estamos; da dimensão onírica, aproveita as lembranças dos sonhos, que estão fundados em nossa biografia; e, pela dimensão poética, vale-se de uma linguagem mais concreta.

Para traduzir um sentido abstrato, o símbolo vai abeberar-se, portanto, nessas três dimensões, possibilitando a instalação de significados novos, marcados pela pluralidade simbólica. Por meio dele, a narrativa fictícia vai além da “objetividade seca ou da subjetividade viscosa”, dotando-se de um mecanismo criador que amplifica a poeticidade de cada imagem simbólica.

Nesse sentido, vale destacar a cabeça da bisavó de Alba, Nívea del Valle, que morrera em um acidente de carro. Como os policiais não encontraram essa parte do corpo, Clara, grávida de Jaime e Nicolás, emprega suas habilidades telepáticas e sai em busca do membro. Ela o encontra em um terreno próximo ao local do acidente e o leva para casa, guardando-o no porão porque seria muito difícil explicar como o encontraram e, ainda, enterrá-lo junto ao corpo. Insepulta, a cabeça permaneceu no porão por muitos anos, onde foi usada por Alba em suas brincadeiras. Ela só foi enterrada junto com o corpo de Clara quando “já não passava de um brinquedo amarelo com expressão apavorada, para descansar junto da filha preferida” (p. 308).

A presença da cabeça não decomposta de Nívea na casa de Clara, com quem a mãe tinha uma profunda relação afetiva e espiritual, representa a permanência dessa ligação entre mãe e filha, unidas fisicamente de novo com morte da segunda, pois, segundo Chevalier e Gheerbrant, a cabeça simboliza “o espírito manifestado, em relação ao corpo, que é uma manifestação da matéria” (1998, p. 151). Conforme os mesmos autores, significa, ainda, a autoridade de ordenar e instruir, de modo que, de mãe para filha, Nívea e Clara, unidas também pela semelhança do significado onomástico, foi transmitida a capacidade de organização e de centralização, pois Clara era o elo afetivo que mantinha vivos os laços da família e dava vida ao casarão da esquina.

Além da cabeça de Nívea, urge destacar também a simbologia investida em Barrabás, o cachorro de Clara. Primeiramente, seu nome remete à personagem bíblica que, embora fosse o maior dos ladrões e estivesse condenado a morrer na cruz, é libertada por opção popular para dar lugar a Jesus Cristo. O cão chega à casa dos del Valle em uma Quinta-Feira Santa em

um estado miserável, preso em um engradado. Logo que o vê, a menina cerca-o de cuidados e cura suas chagas.

Nesse dia, a menina Clara interrompeu a prédica do padre durante suas ameaças quanto ao inferno: “Psiu! Padre Restrepo! Se essa história do inferno for pura mentira, nós nos chateamos...” (p. 14). O padre, por sua vez, lança sobre Clara quase que uma maldição, chamando-a de “endemoninhada”: “essas palavras do padre Restrepo permaneceram na memória da família com o peso de um diagnóstico, e, nos anos seguintes, tiveram ocasião de recordá-las freqüentemente” (p. 15).

Em torno do cão, estabelece-se uma rede de relações entre as personagens. Assim como Barrabás, o cachorro também estava preso, tendo sido libertado por Clara. Jesus morre no lugar de Barrabás, do mesmo modo que Rosa, a bela, morre no lugar de Severo, seu pai. E, de acordo com a simbologia, o cão surge na casa dos del Valle justamente antes da morte de Rosa, para conduzir sua alma ao mundo dos mortos. Com sua morte, ela também cede o lugar a Clara, pois anos mais tarde esta se casa com Esteban Tueba, noivo da irmã.

O cão está intimamente ligado a Clara e aos acontecimentos com os familiares, pois, além de guiar os mortos, ele “serve também como intercessor entre este mundo e o outro, atuando como intermediário quando os vivos querem interrogar os mortos e as divindades subterrâneas do país dos mortos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 177). Como o cão, Clara pratica a telepatia e comunica-se com os espíritos.

Chevalier e Gheerbrant (1988) afirmam também que o cão era empregado como elemento divinatório e clarividente, característica que, mais uma vez, aproxima Barrabás de Clara, clarividente. O dom divinatório também é atribuído à pele curtida do cão, muitas vezes usada como traje de xamã, segundo os autores. Assim, não é por acaso que, quando Barrabás morre, Trueba manda tratar sua pele, presenteando-a a Clara. Como ela passa mal ao vê-la, a pele é depositada no porão. Contudo, quando Alba e o avô resolvem escrever sua história, recolocam-na no chão do quarto, de modo que ele morre junto dela, que lhe serve de guia.

Outra personagem fantástica da obra é Rosa, a bela, que tem a pele bem clara e o cabelo verde. A irmã de Clara nascera sem rugas e com os olhos amarelos, com a pele tão translúcida que era possível ver suas veias. Com dezoito anos, o

tom da pele com reflexos azulados, e o do cabelo, a lentidão dos movimentos e o caráter silencioso evocavam um habitante da água. Tinha qualquer coisa de peixe e, se tivesse uma cauda com escamas, seria certamente uma sereia, mas suas pernas punham-na no limite impreciso entre a criatura humana e o ser mitológico (p. 12).

O cabelo representa, segundo Chevalier e Gheerbrant (1998), a força vital, conceito que inclui o de alma. Além disso, na mulher, os cabelos são um elemento fundamental de sedução. Já a cor verde é envolvente e tranqüilizante, pois está ligada ao útero, ou seja, à volta ao ambiente natural da vida. Desse modo, liga-se à natureza, tomando o sentido do despertar da vida pela ação das águas regeneradoras. Entretanto, por outro lado, o verde também é a cor do mofo, isto é, da morte. Assim, ele oscila entre a vida e a morte, conservando o “caráter estranho e complexo, que provém da sua polaridade dupla” (1998, p. 943). Nesse sentido, como Jesus, que é crucificado no lugar de Barrabás, ao morrer envenenada no lugar do pai, Rosa concede a vida a Severo.

Rosa, com sua pele alva e seu cabelo verde, seduz Trueba, que se propõe a enriquecer para poder casar-se com ela. A adolescente vive em um mundo próprio, alheia à vaidade e à conseqüente inveja que sua beleza única provoca. Enquanto espera a volta do noivo, ela borda “a maior toalha do mundo”, como Penélope que tecia um tapete durante a longa espera por Ulisses. Assim, o verde também remete à esperança. Entretanto, é justamente em Alba, que herdara os cabelos verdes da tia, que a esperança se renova, pois, após estar entre a vida e a morte na prisão, a jovem volta para casa, onde tece, não uma toalha, mas a história da família, enquanto espera pelo retorno de Miguel.

Além dos elementos simbólicos, a narradora vale-se de inúmeras prolepses ao longo do processo narrativo, que são pequenas antecipações de fatos que ocorrerão no futuro, características principalmente em narrativas rememorativas, como é o caso de *A casa dos espíritos*. A primeira, já citada anteriormente, é aquela em que Alba, no primeiro capítulo, afirma que os cadernos de Clara lhe servirão, 50 anos depois, para recuperar a memória do passado. Em seguida, quando Trueba observa Rosa em seu caixão, “não sabia que exatamente assim, com as flores de laranjeira e o rosário, tornaria a vê-la, por um instante fugaz, muitos anos mais tarde” (p. 46).

Quando eram crianças, Blanca e Pedro Terceiro Garcia sempre brincavam juntos durante as férias da família na fazenda. Certo dia, os dois desapareceram, o que levou a família e os empregados a procurá-los incessantemente. Finalmente, os dois foram encontrados deitados no chão, ela

dormindo sobre o ventre dele, como “seriam surpreendidos muitos anos depois para desgraça de ambos, e a vida inteira não lhes bastaria para pagar por isso” (p. 116).

Por último, depois de rompida a relação matrimonial entre Esteban e Clara, ele centrou em Alba todo seu afeto, que acompanhava o avô nas viagens a Las Tres Marías, onde cavalgavam e contavam histórias junto à lareira:

no fim da vida, quando seus 90 anos o haviam transformado numa árvore retorcida e frágil, Esteban Trueba recordaria esses momentos com a neta como os melhores de sua existência, e ela também guardou para sempre na memória a cumplicidade dessas viagens ao campo pela mão de seu avô (p. 288).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa narrativa é uma história sobre o Chile, sobre a família Trueba, mas é principalmente uma história de mulheres, que ultrapassa esta obra, emaranhando-se em outras. Ligadas pela sinonímia onomástica, Nívea, Clara, Blanca e Alba trazem no sangue a força e a sensibilidade herdadas das mulheres dessa família. A história de Nívea, que lutava pelo sufrágio feminino, e Severo é narrada em *Retrato em sépia*, de modo que o leitor que leu os dois livros tem uma visão completa desse amor, do qual nasceram quinze filhos, entre os quais Clara. Desde cedo, esta filha foi diferente em virtude de seus poderes e, por isso, viveu sua infância isolada das outras crianças, mas muito próxima da mãe. Ela própria previra seu casamento com Esteban Trueba, que a amava perdidamente. Blanca, que viveu muito tempo da venda de seus presépios de argila, também amou profundamente um único homem: Pedro Terceiro Garcia, com quem foge do país durante o regime militar. E, por último, Alba, a estudante que se engajou na luta contra o regime militar, sendo, por isso, torturada. Como suas antecessoras, Alba teve um grande amor, o também revolucionário Miguel, por cuja volta aguarda. O amor, o discernimento, o senso de justiça e a força para lutar por seus objetivos são características dessas quatro mulheres.

Seus nomes remetem ao branco, que é, segundo Chevalier e Gheerbrant, “a cor da revelação, da graça, da transfiguração que deslumbra e desperta o entendimento, ao mesmo tempo em que a ultrapassa: é a cor da teofania” (1998, p. 144). Esse sentido reforça o papel dessas mulheres na família, ou seja, são dotadas de sensibilidade e sensibilidade, o que lhes possibilita uma visão mais abrangente, com maior discernimento. É principalmente Clara que,

com seu dom clarividente, concentra essas características, que estão também presentes em todas elas.

É, todavia, Alba que vai, através da narrativa da história da família Trueba, buscar a compreensão, a clarividência dos fatos, rompendo com uma cadeia iniciada pelo avô. Ao reconstruir o passado, Alba se dá conta de tudo que está envolvido nisso e sente que seu ódio vai diminuindo, pois a vingança seria apenas a continuação desse ciclo. Com isso, ela se propõe um caminho novo: “quero pensar que meu ofício é a vida e que minha missão não é prolongar o ódio, [...] enquanto aguardo que cheguem tempos melhores, gerando a criança que trago no ventre, filha de tantas violações ou, talvez, filha de Miguel, mas sobretudo minha filha” (p. 447).

Percebe-se, assim, circularidade nos fatos dessa história. Primeiramente, *Esteban* Trueba violou muitas filhas de seus empregados, que não puderam reclamar a paternidade das crianças diante da ameaça de morte por parte do patrão. Entretanto, um de seus descendentes bastardos, *Esteban* Garcia, que teve negado seu direito de pertencer à família, passa a ser policial com a ajuda do próprio senador, mudando o destino da continuada pertença ao grupo de empregados da fazenda Las Tres Marías. Este neto, que carrega em seu nome a semelhança com Trueba e no coração o ódio de gerações de filhos renegados, está à espreita, aguardando o momento certo de cumprir seu papel no ciclo iniciado pelo patrão. Finalmente, com o regime militar, chega a tão esperada oportunidade de vingar as tantas violações de Trueba por meio da violência contra sua prima Alba, a neta legítima do senador.

Ela, contudo, tendo alcançado a clarividência e montado as peças do quebra-cabeças por meio da narrativa, passa a ter o entendimento dos fatos e se nega, por isso, a dar continuidade às violências e vinganças, amando sem rancor a filha que carrega no ventre. Além disso, o verde de seu cabelo remete, aqui, à força vital, ao renascer de Alba e ao nascimento de sua filha. Confirma-se, assim, o diagnóstico da avó, segundo a qual, sua neta nasceu com a marca da estrela, característica das pessoas que sabem encontrar a felicidade.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *A casa dos espíritos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

____. Teses sobre a filosofia da história. in: *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio d'água, 1992.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: 1988.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago: 1997.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1992.